

Coca e Ayahuasca, o mesmo destino?

Dr. Jacques Mabit¹, Centro Takiwasi²

Resumo³

Apesar do Peru ter construído a magnífica civilização Inca através da sabedoria proporcionada pela folha da coca, tornou-se depois o primeiro produtor de derivados tóxicos desta planta profanada. Atualmente, a folha da coca permite tratar a dependência à cocaína, sendo isto demonstrado pela experiência do Centro Takiwasi. Da mesma forma, descobriu-se há algumas décadas o poder curativo da Ayahuasca e produziu-se em pouco tempo um aumento do seu uso em todo o mundo. A dessacralização acelerada desta medicina chegará aos mesmos extremos do mau uso da coca? O que nos pode ensinar o caminho seguido com a coca em relação ao uso da Ayahuasca? O uso da coca no Ocidente foi em resposta a quê e a que responde o uso da Ayahuasca na atualidade?

Palavras-chave: ayahuasca, coca, *New Age*, estados modificados da consciência, ritual, dependência.

Abstract

While Peru built the magnificent Inca civilization through the wisdom provided by the coca leaf, it later became the first producer of toxic derivatives of this profaned plant. Nowadays, once again, the coca leaf allows treating cocaine addiction which is demonstrated by the experience of the Takiwasi Center. Also, the healing use of Ayahuasca was discovered a few decades ago and an explosive use is produced in a short time all over the world. Will the accelerated desacralization of this medicine reach the same extremes as the misuse of coca? What can the path followed with coca teach us in relation to the use of Ayahuasca? What did the use of coca in the West respond to and what does the use of Ayahuasca respond to today?

Key words: ayahuasca, coca, New Age, modified states of consciousness, ritual, dependency.

Introdução

Apesar das suas diversidades irredutíveis, todas as tradições e sociedades ancestrais apresentam e possuem uma preocupação fundamental similar: proteger o homem – e ao mesmo tempo a sociedade – da ameaça do Mal, na medida do possível. Também se poderia dizer: “das ameaças provenientes de vários males”, desde que não nos esqueçamos que, para estas tradições, o homem é uno e que os planos corporal, psicológico e espiritual estão sempre relacionados entre si. Por outras palavras, os conhecimentos ancestrais, e em particular as suas práticas médicas tradicionais

¹ Médico, fundador e presidente executivo do Centro Takiwasi, Tarapoto, Peru. E-mail: takiwasi@takiwasi.com

² Centro de Reabilitação de Toxicodependentes e Investigação de Medicinas Tradicionais, Tarapoto, Peru, www.takiwasi.com

³ Artigo publicado em francês na Revista Cultura y Droga, Mabit, J. (2018). *Coca et Ayahuasca, une même destinée?* Revista Cultura y Droga, 23 (25), 15-32, Enero-Junio 2018. DOI: 10.17151/culdr.2018.23.25.2. Conferência originalmente apresentada durante a “World Ayahuasca Conference”, Rio Branco, Brasil, Outubro de 2016.

baseadas na experiência, pressupõem e inscrevem-se num processo de purificação, eliminação do Mal e restauração de uma certa harmonia. Tanto o terapeuta como o paciente participam neste processo onde ninguém está abandonado a si mesmo. Daí a importância dos rituais comunitários, com os seus aspetos sagrados, relacionados com a dimensão espiritual da experiência humana.

Isto aplica-se particularmente ao uso de plantas medicinais, abundantes no Peru, das quais as mais conhecidas universalmente hoje em dia são o Tabaco, a Coca e a Ayahuasca⁴. Não trataremos aqui do Tabaco, que é fumado em todo o mundo misturado com centenas de substâncias químicas (frequentemente tóxicas) e cujo consumo atual não tem nada a ver com os usos tradicionais amazónicos. Focaremos a nossa atenção nas outras duas plantas cujo uso, se sair do quadro ritual-medicinal tradicional, conduz a desastres como, por exemplo, a dependência à cocaína, tão comum hoje em dia.

Em contraste, a experiência do Centro Takiwasi no Peru mostra os benefícios que podem resultar do uso tradicional destas plantas, isto é, de acordo com uma experiência secular, dentro de um quadro comunitário determinado e seguindo um caminho de purificação, que exige de cada pessoa compromisso e tempo (ao contrário do consumo ao estilo individualista que quer desfrutar de tudo, imediatamente e sem nenhum compromisso pessoal). Entre estes benefícios, pode-se inclusivamente verificar que as folhas da coca utilizadas de maneira correta permitem tratar a dependência à cocaína! Mas a tragédia é que o próprio Peru que, alimentado pela sabedoria transmitida pela folha da coca, construiu a magnífica civilização Inca, converteu-se atualmente no primeiro produtor de derivados tóxicos desta planta profanada.

Um problema semelhante é colocado com a Ayahuasca, cujo consumo incontrolado se está a difundir rapidamente por todo o mundo (Labate e Cavnar, 2014), enquanto que o seu uso terapêutico foi redescoberto há algumas décadas (Mabit, 2007). Dentro das sociedades tribais de onde surgiu o uso da Ayahuasca, as regras são rigorosas, o uso da Ayahuasca está sob o controlo da comunidade e a luta espiritual é permanente. O homem ocidental, profundamente marcado pelo racionalismo e um ateísmo pelo menos prático, tem uma perspetiva de rejeição dos elementos semelhantes que pertencem às suas próprias raízes tradicionais. Em relação às tradições indígenas, mesmo que se aproprie de alguns dos seus componentes, terá tendência a criar o seu próprio contexto “light”, deixando de lado algumas destas regras tradicionais e adaptando-as segundo a sua conveniência. O risco é, portanto, a apropriação da Ayahuasca sem se submeter ao contexto ritual que cria estrutura ao seu consumo, ou selecionando segundo a sua conveniência as peças desta ritualização que convenham porque estas não contradizem as expectativas. O ocidental vangloria-se de regressar aos conhecimentos e saberes milenares dos indígenas, quando na realidade os manipula até ao ponto de trair estas tradições e também a sua. Por outro lado, expõe-se a todos os perigos que aquelas tradições foram capazes de detetar de maneira universal e contra os quais desenvolveu, ao longo dos séculos, sistemas de proteção.

Apresentação

O Centro Takiwasi, localizado em Tarapoto, Peru, dedica-se desde há 25 anos ao tratamento de pessoas em situação de toxicod dependência e ao acolhimento de pessoas em busca de uma evolução pessoal. No protocolo de tratamento que desenvolvemos, a Ayahuasca tem um papel fundamental, associada ao uso ritualizado de muitas outras plantas, como indicado pelas práticas

⁴ Bebida ancestral psicoativa dos povos indígenas da Amazônia, composta pela liana Ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*) e uma planta complementar (na maioria das vezes *Psychotria viridis*) e que tem um papel central nas medicinas tradicionais das povoações indígenas.

ancestrais da Amazônia peruana que incluem purgas, dietas, banhos, “chupadas” (absorção de más energias) e “sopladas” (soprada de tabaco), entre outras técnicas. Estas técnicas estão inseridas num processo de tratamento que inclui um acompanhamento psicoterapêutico e a convivência numa comunidade de residentes no Centro. Esta abordagem inovadora está a gerar um interesse crescente na comunidade científica (Brierley e Davidson, 2012).

Proponho aqui uma reflexão inicial sobre um tema complexo, bem consciente que não existe uma resposta simples a um problema complexo (Morin, 2005) e peço ao leitor que perdoe as formulações sintéticas que podem parecer imperativas e que eu gostaria que fossem consideradas como um convite para aprofundar este tópico.

A lição da coca

O Peru é um dos maiores produtores de folha da coca e dos seus derivados viciantes que alimentam o narcotráfico a nível mundial. Juntamente com a cannabis e o álcool, a cocaína e a pasta básica de cocaína são os produtos mais consumidos entre os nossos pacientes.

Paradoxalmente, a folha da coca constituiu a fonte da sabedoria ancestral do mundo andino e o epicentro da cultura Inca que floresceu por vários séculos em toda a região dos Andes⁵ e foi capaz de criar maravilhas como Machu Picchu. Os habitantes dos Andes consomem-na até hoje em dia sem que esta lhes tenha causado vício. Ela é, pelo contrário, fonte de saúde, força e nascimento espiritual.

Como é que esta fonte de sabedoria se converteu num dos maiores problemas de dependência a nível mundial? Esta degeneração deve-se essencialmente ao uso ilegítimo pelos ocidentais, ao desvio do seu uso religioso, sagrado, ritualizado, que foram substituídos por fins produtivos essencialmente motivados pela ganância (Gumucio, 2008). A coca começou por ser destinada ao bom funcionamento da produção mineira em geral e do ouro em particular, para logo se converter, na nossa época, num produto desenhado para poder manter o ritmo frenético da sociedade moderna, totalmente governada pelas exigências de um mercado omnipresente e destinado ao mesmo tempo a contrariar os efeitos do stress que surgem destas mesmas exigências

Portanto, o estilo de vida ocidental com tendência hegemónica ao nível planetário induziu ao consumo frenético da cocaína e de outras drogas que dão a ilusão de “suporte”. É desta forma que a medicina ancestral dos Incas, utilizada antes para os fins mais elevados, se converteu num veneno mortal da vida moderna. As consequências desta profanação têm um preço muito alto. É uma lei espiritual universal⁶.

No Centro Takiwasi tentamos demonstrar clinicamente que, retomando o uso corretamente ritualizado da folha da coca, o seu poder medicinal pode contribuir para o tratamento e desaparecimento das dependências aos seus próprios derivados tóxicos (Giove 2002). O problema não é da planta mas sim do seu uso incorreto.

⁵ O Império Inca (Tahuantinsuyo, em quechua, significa "quatro em um" ou "as quatro partes") começa no século XII com Manco Cápac, sendo o primeiro dos doze ou treze governantes da sua dinastia, e termina com Atahualpa, derrotado em 1532 pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro. Este foi, entre os séculos XV e XVI, o mais vasto império da América pré-colombiana.

⁶ A Tradição universal reconhece, além das leis físicas, também leis psíquicas e leis espirituais que têm origem numa ordem transcendente e imutável. A modernidade aceita a existência das primeiras (objeto das ciências exatas), admite a possibilidade das segundas (objeto das ciências sociais e da filosofia), mas rejeita ou nega a existência das terceiras (objeto da teologia).

Paralelismo e diferenças com a Ayahuasca

A Ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*) é igualmente uma planta americana, mas originária da bacia amazônica, onde constitui até hoje um eixo essencial das práticas medicinais e rituais tradicionais. A sua difusão explosiva desde há uns 30 anos é devida também, em grande medida, à sua apropriação por parte dos ocidentais. Desta vez, no entanto, o uso da Ayahuasca no Ocidente não tem como finalidade satisfazer as exigências produtivas do consumismo mas sim responder à crise existencial generalizada que isto provocou. Assim como a coca, a Ayahuasca também é tida em conta para dar uma resposta ao stress gerado pela violência da sociedade moderna, mas por razões sensivelmente distintas. Quando a coca é adulterada para ser reduzida aos seus princípios ativos, tem como finalidade ajudar a aguentar o stress gerado pelo ritmo acelerado exigido por um sistema de ganância generalizada, mas jamais chega a questionar esse sistema. A Ayahuasca questiona até certo ponto este mesmo sistema e representa assim uma possível forma de escape dessa dinâmica mortífera, promovendo a criação de propostas alternativas a este. Responde desta forma, pelos seus efeitos visionários, ao apetite moderno pelas imagens e os ecrãs. Por outro lado, quando é reduzida aos seus princípios ativos, não gera nenhuma dependência (Frecska, Bokor and Winkelman, 2016).

Estas duas diferenças, a ausência de dependência e o questionamento útil do sistema, deixam muitas pessoas que defendem o uso da Ayahuasca pensarem que esta está então isenta de consequências negativas para o ocidental que a consome.

Nós pensamos que, apesar de ter sido estabelecido claramente que a toxicidade física da Ayahuasca não tem comparação com a dos derivados da folha da coca (dos Santos, 2013), esta planta oculta uma potencial toxicidade mental e espiritual muito maior. A sua relativa inocuidade a nível físico que parece desculpar o uso da Ayahuasca, esconde perigos subtis que, precisamente pela sua subtilidade, são amplamente ignorados. São efetivamente muito mais difíceis de detetar à primeira vista e por isso considerados como quase inexistentes. Se os efeitos da toxicidade física são imediatos e difíceis de negar, os da toxicidade psicológica podem manifestar-se de maneira mais lenta, progressiva e mascarada, e esta aparente inocuidade é ainda mais pronunciada quando temos em consideração o nível espiritual. Quanto maior a subtilidade e dificuldade para tomar consciência, maior é o perigo. Torna-se difícil destacar as ligações que se estabelecem entre o consumo incorreto de Ayahuasca e os seus efeitos nocivos a curto e médio prazo. Então, o uso inadequado da Ayahuasca pode revelar-se muito tóxico a nível espiritual, relativamente tóxico a nível psicológico e mental e pouco tóxico a nível físico.

Modificada por um mundo que separa a medicina da espiritualidade

Da mesma forma que os ocidentais acreditaram estar isentos do conhecimento ancestral que governa o uso da coca (para não falar do tabaco e da papoila, entre outras plantas), agora tendem a apropriar-se da Ayahuasca deixando de lado as regras básicas estabelecidas desde há séculos ou milénios pelas sociedades amazônicas. Os aspetos rituais, ou são abandonados por serem considerados folclóricos e meramente de ordem cultural, ou são plagiados nas suas formas, mas esvaziados da sua essência e conteúdo verdadeiro⁷. Os ocidentais reivindicam uma tradição para

⁷ A dimensão ritual iria requerer um desenvolvimento específico dada a ignorância contemporânea sobre este tópico numa sociedade globalmente secularizada e dessacralizada, tópico que por outro lado já referimos anteriormente (Mabit, 1999).

melhor adulterá-la e, deixando de lado a dimensão espiritual e religiosa, resumem a sabedoria milenar da Amazônia, para fazê-la passar sob as forcas caudinas de uma concepção reducionista da saúde mental.

Mais ainda, a autodenominada “comunidade ayahuasqueira”⁸, acreditando ser revolucionária, adere inconscientemente às categorias e conceitos da *New Age*, típico produto da pós-modernidade, que, com as suas pretensões de mudança de paradigma, não faz mais que dar força ao sistema sem o questionar nos seus fundamentos. A melhor prova disso é ver como se tolera um “uso religioso” da Ayahuasca, mas se proíbe o seu uso médico e quando se abrem eventualmente as portas de um uso terapêutico é dentro do contexto dessacralizado da medicina ocidental, sem um ritual e excluindo a sua dimensão espiritual. No pior dos casos, irracionalmente, o seu uso está proibido em todas as suas formas, inclusivamente no enquadramento da investigação que contradiz deste modo a sua própria epistemologia mediante a criação de tabus científicos.

Portanto, o uso tradicional da Ayahuasca está em causa por ser submetido por um lado a uma medicina tecnicista e utilitarista, e por outro lado a uma espiritualidade desencarnada, e para contribuir deste modo para dissociar o corpo, a alma e o espírito, de acordo com o que constitui verdadeiramente o coração da ideologia pós-cristã⁹. Afinal e em ambos casos, a Ayahuasca está sujeita ao espírito do Ocidente, reforçando assim o que supostamente deveria questionar. É necessário aqui dizer algumas palavras sobre a *New Age*.

A comunidade ayahuasqueira e a *New Age*

A maioria dos consumidores de ayahuasca provenientes do mundo ocidental, assim como os indivíduos mais ou menos ocidentalizados, associam espontaneamente o consumo de ayahuasca com a filosofia *New Age* (Toolan, 1987). O movimento *New Age* responde sem dúvida à necessidade de dar um sentido à existência diante da dessacralização acelerada da sociedade contemporânea. No entanto, este movimento parece-nos prometer muito mais do que pode oferecer na realidade, na medida em que mantém, nos seus fundamentos e sob aparências enganosas, os axiomas da sociedade que pretende rejeitar ou criticar. Considera importantes erros conceptuais e filosóficos cujo vazio já foi assinalado e denunciado ao longo da história da sociedade ocidental (Verlinde, 2014), pretendendo ao mesmo tempo anexá-los a tradições como a prática do xamanismo ou as grandes correntes espirituais da humanidade, sejam orientais¹⁰ ou ocidentais.

⁸ Esta "comunidade ayahuasqueira" carece, na nossa opinião, de consistência real e parece-nos uma construção imaginária. O que têm em comum exatamente todos os que consomem ou oferecem Ayahuasca? Nem sequer a mesma bebida, já que esta é preparada de maneira diferente, com variedades “energéticas” diferentes não reconhecidas pela botânica (distinções do mundo indígena entre tigre-ayahuasca, céu (céu)-ayahuasca, etc.), com aditivos diferentes (Chacruna ou *Psychotria viridis*, Yagé ou *Diplopterys cabrerana*, entre outros), e às vezes até sem a liana Ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*), substituída por análogos vegetais ou químicos (sem falar da infinita variedade de contextos e objetivos que acompanham a sua utilização).

⁹ “Pós-cristã” no sentido em que não se refere apenas ao fenómeno sociológico da secularização que afetou as sociedades ocidentais nos séculos XIX e XX, como também a fenómenos mais profundos que surgiram muito antes, caracterizados pela modificação radical do pensamento e da prática cristã; estes eventos marcaram tanto as nossas sociedades como o próprio cristianismo, segundo as palavras de Chesterton que fala de “verdades cristãs enlouquecidas”.

¹⁰ Falamos aqui das tradições orientais tal como se praticavam originalmente, e não depois da sua apropriação pela sociedade ocidental que as transformou e adaptou com a mesma desenvoltura que faz com o uso tradicional da Ayahuasca. Assim a maior parte das filosofias hindus e budistas chegaram ao Ocidente

Porém, estas tradições, também presentes entre os monges cristãos do Oriente ou do Ocidente, insistem sempre na necessidade de: inscrever-se numa filiação estruturada; seguir a longo prazo ensinamentos e exercícios rigorosamente codificados; submeter-se à autoridade de mestres que medeiam a relação entre este mundo (profano) e o “outro” mundo ou o mundo espiritual; seguir meticulosamente um conjunto de regras e princípios; não misturar à sua vontade substâncias ou práticas que se oponham ou contradigam (sejam rituais, plantas, conceitos, etc.); beneficiar de um adequado e severo protocolo de contenção e de controlo; aceitar uma quota de sofrimento na aprendizagem que supõe sacrifício, abnegação e entrega; renunciar à busca de riquezas, livrar-se do inútil ou supérfluo; dispor-se a um “trabalho sobre si próprio”; inscrever toda a relação com o mundo espiritual dentro de um contexto ritualizado não improvisado mas sim ensinado e transmitido; preparar-se para uma dimensão de combate espiritual tanto interior como exterior que levará o iniciado a confrontar-se com entidades espirituais malévolas¹¹.

Está aqui ilustrado, em poucas palavras, o cenário de um caminho que requer tempo, disponibilidade, cautela, lentidão – elementos sem os quais não podemos superar os obstáculos nem tão pouco frustrar as armadilhas colocadas no caminho – e que, sobretudo, requer a humildade necessária para poder receber e beneficiar do que os Anciãos têm para transmitir e ensinar.

Infelizmente, a que aparece com maior frequência é a atitude oposta: onde a tradição assinala a necessidade de um longo processo de aprendizagem, pretende-se aprender rapidamente em poucas semanas ou meses¹²; onde indica a necessidade de uma filiação (Sotillos, 2013), corta-se alegremente as próprias raízes judeo-cristãs, gregas e latinas; (*a fé exclui-se em nome da liberdade e a razão é proibida para evitar uma mentalização excessiva*); onde se recomenda usar como referência uma tradição estruturada, prefere-se a autorreferência (“*o mestre é interior*”, *tique verbal da New Age*)¹³; onde se adverte contra uma abordagem precipitada ao outro mundo, e

reinterpretadas pelo pensamento anglo-saxónico do colonialismo inglês de finais do século XIX e inícios do século XX.

¹¹ A criação não se limita a um mundo visível e sensível (a Natureza, o Cosmos). Um mundo invisível existe, situado entre a criação visível e o mundo divino, daí o seu nome de “mundo intermédio”. Todas as tradições pré-cristãs possuem um certo nível de conhecimento deste mundo por experiência, falam de criaturas espirituais claramente separadas entre boas ou más (anjos ou demónios; espíritos bons ou maus de uma maneira radical, ao contrário dos seres humanos que permanecem ambivalentes), algo que a Bíblia e a experiência cristã têm vindo a trazer para a luz. Apenas o homem ocidental, e apenas nos séculos recentes, está marcado por um obscurantismo ignorante sobre estas “entidades” ou seres espirituais que podem comunicar com e afetar os seres humanos (respetivamente para o bem ou para o mal). A *New Age* tende a confundir este mundo intermédio, criado, com a própria Divindade. O mundo intermédio é dual, a Divindade é una.

¹² O Taita (mestre) da etnia colombiana Siona Humberto Piaguaje considera que são necessários uns vinte anos para alguém converter-se em “taita” (o que realiza por si só as sessões de ayahuasca) e que alguns continuarão a ser aprendizes ou assistentes para sempre (comunicação pessoal). Em geral, os ayahuasqueiros indígenas estimam que sejam necessários pelo menos 6 meses de “dieta” (em condições de isolamento rigoroso na selva com ingestão diária de plantas, regras alimentares e abstinência sexual) antes de poder reclamar o título de curandeiro. No entanto, apenas uma dieta de 2-3 semanas já é extremamente exigente e requer um processo de pós-dieta (com regras alimentares, sexuais e de conduta, entre outras) que dura pelo menos o dobro do tempo da própria “dieta”. Por outras palavras, muito poucos ayahuasqueiros ocidentais cumprem com estas condições.

¹³ Isto é o que alguns chamarão de “narcisismo espiritual” ou uma forma de pseudo misticismo, como o assinala um dos mais eminentes representante da *New Age*, David Spangler (1984), que num dado momento se afastou do movimento e afirmou que “os indivíduos e grupos entregam-se aos seus sonhos de aventura e poder, geralmente de forma oculta ou milenar [...] Distinguem-se pelo seu apego a um mundo interior centrado na autorrealização, que se traduz (embora muitas vezes de maneira insidiosa) por um retiro do mundo. A este nível, a *New Age* está povoada por seres estranhos e exóticos, mestres, adeptos,

especialmente com os seus estratos intermédios onde circulam entidades malignas, escolhe-se a idealização de um mundo espiritual livre de toda adversidade¹⁴; onde se demonstra a importância da intervenção dos mais velhos ou mestres, pretende-se abster-se deles para substituí-los com a autonomia individual e dirigir-se diretamente à Divindade por conta própria¹⁵; onde se assinala a existência de leis imutáveis e implacáveis, físicas, psicoafectivas e espirituais, prefere-se substituí-las com a afirmação egoíca de que as únicas leis válidas são aquelas que uma pessoa dá a si própria¹⁶; onde se fala de Verdade intangível e universal, responde-se que cada um tem o direito inalienável à sua própria verdade; onde se assinala um sofrimento necessário, deseja-se o desfrutar de uma aprendizagem suave¹⁷; onde se insiste sobre uma intenção pura, assume-se que a boa intenção e o desejo de ajudar sejam suficientes; onde se ensina o rigor na gestão do simbolismo e do ritual, prefere-se a improvisação, a inspiração pessoal do momento e o estético¹⁸; onde se manifesta que a bondade sem o conhecimento é o “caminho para o inferno”, acredita-se que as boas intenções são suficientes e protegem; e por último, onde se adverte sobre o perigo de um “autoconhecimento” não regado pela bondade, acredita-se que a acumulação de conceitos, leituras, estudos prevaleça¹⁹.

Esta maneira de ver, pensar e atuar predomina na “comunidade ayahuasqueira” atual. Funde-se na nebulosa *New Age* – localizada também no vasto campo da Gnoses²⁰ - onde a busca pela liberdade em si fecha num sistema autorreferencial sem limites, estruturas ou autoridade. A “pretendida ampliação” da consciência tende a assemelhar-se a uma inflação desmedida do ego (Spangler, 1984). Desta forma funciona como um espelho, conforme o pudemos ver, à abordagem científica que está interessada nos efeitos da Ayahuasca somente quando expurgada da sua dimensão espiritual, ou uma psicologia reducionista (psicologismo) que considera a Ayahuasca como um simples facilitador em psicoterapia. As abordagens espiritualistas da *New Age* por um lado, e os reducionistas (ateus) por outro, participam, cada um à sua maneira, na dessacralização do uso da Ayahuasca.

Vários autores tentaram superar esta contradição através da união da psicologia moderna com a espiritualidade, para pôr em harmonia Ocidente e Oriente, considerando que juntos representam realmente a psicologia/filosofia eterna e universal intrínseca a todos os seres humanos. Ken

extraterrestres. É um lugar de poderes psíquicos e mistérios e ocultos, conspirações e ensinamentos ocultos” (p.78).

¹⁴ O que equivale a negar ou ignorar as práticas de bruxaria, os feitiços, encantamentos, práticas mágicas, que literalmente abundam nas diversas formas de xamanismo ou “medicinas” tradicionais.

¹⁵ Algumas pessoas substituem a presença física de um ancião experiente pelo recurso virtual ao seu “mestre interior”, “mestres ascendidos”, “guias”, “anjos”, entre outros.

¹⁶ Por exemplo, o isolamento das “dietas” já não é tão rigoroso, a alimentação perde rigor com a introdução de novos alimentos, os atos rituais podem ser realizados de forma remota (ou inclusivamente por telefone!), a duração dos processos pós-dieta é reduzida, a proibição de estar em contacto com uma mulher no período menstrual é ignorada por ser considerada “machista”, etc.

¹⁷ O conceito de “paz e amor” supõe-se que se opõe à dor ou ao santo-sulpicianismo dos objetos de culto cristão.

¹⁸ Por exemplo, o ícaro ou canção ritualizada transmitida por um mestre é substituído por uma criação poética pessoal, uma canção popular ou uma música com fins estéticos.

¹⁹ Típico processo das aproximações gnósticas e esotéricas, em busca de segredos ou chaves ocultas. Será notado que alguns dos critérios mencionados coincidem com o questionamento da Reforma Protestante (exame livre, crítica da mediação clerical) que predomina nos países anglo-saxónicos onde a *New Age* criou raízes.

²⁰ Por ‘gnoses’ entende-se o conhecimento iluminado dos mistérios divinos reservado para uma elite de iniciados, em oposição à revelação trazida por Jesus e a partir da qual ele vai dizer: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e entendidos, e tu as revelaste aos pequeninos” (Lucas, 10:21).

Wilber tentou-o com grande inteligência e talento e o mesmo fez também o Professor Jorge Ferrer do Instituto Californiano de Estudos Integrais, num ímpeto quase pós *New Age*. Porém, aqui encontramos a mesma dificuldade que Jung teve que viver em relação à questão do Mal em assumir a noção de *privatio boni* e que permitiu que, por sua vez, fosse recuperado pela *New Age* e vários tipos de gnoses, como mostramos anteriormente (Mabit, 2016). Se o arquétipo do Ser representa o Bem, Deus, então o Mal está simbolizado pela sua sombra e os espíritos malignos não existem. Assim, Jung tentou dessacralizar os arquétipos para não reconhecer a existência autónoma dos espíritos do mundo intermédio. A sombra psíquica é confundida de novo com a sombra espiritual na renovada e interminável tentativa do espírito humano de não "ajoelhar-se diante de Deus", *summum bonum*, e finalmente aceitar, na sua limitação, que o caminho passa pelo Apocalipse²¹.

Paradoxalmente, assim como Jung, que foi inspirado por dois espíritos (malignos?), que se apresentam como tal, Filemón e Basilides, a *New Age* não é relutante em nutrir-se destes "inspiradores" como Roberto Assiagoli (promotor da Psicossíntese) com um espírito chamado Tibetano e Alice Bayley (promotora da Teosofia) com um espírito com o mesmo nome que também se identifica como o Mestre da Sabedoria e depois sob as iniciais D.K., mais tarde interpretadas como Djwal Khu; ou também o "Jesus" que supostamente ditou a Helen Cohn Schucman o "Curso em Milagres" ou as "Cartas de Cristo", recebidas por um autor anónimo. A *New Age* possui assim muitas raízes esotéricas, embora nunca sejam abordadas ou definidas claramente nem a realidade nem a natureza destas "entidades-fonte".

O ecléticismo do movimento *New Age* autoriza as misturas mais inverosímeis, criando novas quimeras. Colecionam-se experiências, plantas, filosofias, conceitos, numa grande confusão, sem construir nada de consistente. É chamativo observar a verborreia sobre as vivências com Ayahuasca e a carência extrema de reflexão sobre isso, tanto a nível psicológico como filosófico e mais ainda teológico. A sociedade ocidental é criticada em nome de um individualismo disfarçado de liberdade que a caracteriza nesta degeneração na mudança do século.

A inovação não está excluída da tradição, inclusivamente se a Tradição não evolui nem um pouco. Os sistemas médicos tradicionais podem integrar elementos de outras culturas e proceder de forma não exclusiva. Mas esta integração de elementos inovadores passa previamente pelo filtro da sua coerência com as estruturas operativas do sistema tradicional. Ou se sugere durante o trabalho com a Ayahuasca e aparece depois como um ensinamento adicional do espírito que preside os efeitos da planta, ou então vem do exterior e é submetida à experimentação num enquadramento tradicional antes de possivelmente ser integrada. O dinamismo e as capacidades de enriquecimento das medicinas tradicionais amazónicas não implicam abandonar as bases "energéticas" que sustentam a sua operabilidade. Os ayahuasqueiros poderão assim explorar as qualidades de uma planta medicinal estranha ao seu contexto habitual observando-a durante o estado de transe para definir a sua potencialidade e possivelmente inclui-la nos seus recursos terapêuticos. Do mesmo modo, as etnias indígenas da Amazônia colombiana integraram na sua prática o uso da harmónica, mas mantendo um ritmo e uma melodia coerentes com a "energia" da Ayahuasca. As tradições indígenas da América Latina também se foram nutrindo, pela sua proximidade ao cristianismo, com a inclusão de orações, a invocação de santos, certos salmos, o uso de água benta, etc., na medida em que estas contribuições não entravam em contradição com

²¹ O *summum bonum* ou bem supremo, assim como a *privatio boni*, o mal definido como privação do bem, são noções teológicas cristãs que deveriam introduzir um debate teológico de fundo sobre a questão do mal que desafortunadamente está quase ausente da esfera *New Age*, como se se tratasse de um tabu da Modernidade.

a sua cosmovisão e, pelo contrário, potenciavam o seu combate espiritual²². As noções de “cutipada” e “cruzadera” (interferência energética) previamente reservadas para certas plantas, odores ou animais, foram estendidas aos objetos modernos (perfumes engarrafados, odores de gasolina ou detergente, veículos ou produtos tecnológicos) fundamentalmente sem modificar o modelo diagnóstico e terapêutico.

A inovação ocidental no uso da Ayahuasca seria beneficiada se se inspirasse nesta abordagem empírica, que parte dos procedimentos tradicionalmente implementados para introduzir na prática elementos inovadores. Isto supõe dar ao empirismo indígena um valor probatório autêntico e desfazer-se da arrogância ocidental que pretende, sem verificação, corrigir as supostas deficiências ou carências do pensamento das povoações nativas descrito como mágico-religioso. O pensamento progressista ocidental²³ sugere aos nossos contemporâneos, filhos da modernidade, que estas conceções primitivas teriam sido superadas no Ocidente e isentá-los de se submeterem ao “filtro” desse empirismo ancestral. A *New Age* frequentemente deixa-se levar por este abuso de poder, acreditando ser, por definição, mais aberta, tolerante, avançada e evoluída.

Todos os que tomam Ayahuasca, sem exceção, reivindicam uma dimensão “espiritual” no seu uso, sem jamais definir o que eles querem dizer com isso. A reflexão neste campo apresenta uma carência que me parece abismal ou melhor dito pode considerar-se como quase inexistente. Parece ser um tema tabu. Quando se aborda o uso da Ayahuasca desde abordagens científicas, sociais e terapêuticas, exige-se, com razão, o rigor do raciocínio lógico e da demonstração das hipóteses; as afirmações gratuitas não são toleradas. No entanto, quando se trata de “espiritualidade ayahuasqueira”, qualquer pessoa pode dizer qualquer coisa sem que se exija este mesmo rigor e nem há espaço para o questionamento. Portanto, autoriza-se o uso religioso da Ayahuasca em vários países e existem “igrejas ayahuasqueiras” que poderiam fazer ouvir as suas vozes, mas a cacofonia de opiniões pessoais domina e está baseada unicamente na inspiração individualista, sem espírito crítico ou debate, sem bases conceptuais ou coerência doutrinal, nem referências escritas ou históricas.

Na minha opinião, seria muito necessário realizar estudos, investigações ou reflexões teológicas e filosóficas, que tenham bons fundamentos, ao serviço das práticas relativas ao uso quotidiano da Ayahuasca. Atribuo essencialmente a esta deficiência o aparecimento de desvios com as suas graves consequências a nível físico, psico-emocional e espiritual, e cuja frequência se subestima em grande medida. Em particular os danos espirituais (infestações, possessões, bruxaria, feitiços, etc.) são ignorados quase por completo, guardados num silêncio preocupante e portanto não recebem nenhum tratamento.

Esta enorme falta de coerência permite o ressurgimento de um grande número de erros de pensamento ou ideologias antigas e obsoletas com respeito à abordagem do ser humano e do

²² Esta cristianização parcial das práticas terapêuticas ancestrais frequentemente incomoda o ocidental que, na sua conceção fantástica, gostaria encontrar a “pureza original” nestas medicinas e por isso as considera “contaminadas” por uma coloração religiosa (sua própria tradição) que ele rejeita. Este desconforto não existe entre os indígenas que, de facto, nem o entendem.

²³ O pensamento progressista é parte de uma visão linear do tempo onde o novo é necessariamente melhor que o velho. Esta disposição cultural está tão inscrita nos “genes” da modernidade que é quase inconsciente e é por isso que é óbvia. No entanto, opõe-se frontalmente à visão dos povos originais que colocam a fonte do conhecimento e da sabedoria num tempo original mitológico, o que é subjacente às práticas de adoração dos antepassados e respeito pelos idosos e pelos ancestrais localizados cronologicamente mais perto dessa fonte. Portanto, existe, entre estes povos, a necessidade de conservar e manterem-se o mais próximos possível da tradição. A *New Age*, enquanto critica o sistema ocidental, permanece impregnada por este axioma, o que gera um constante mal-entendido com o mundo indígena.

mistério da sua existência: relativismo, naturalismo, quietismo, dualismo, maniqueísmo, messianismo, espiritualismo.

Consequências do desvio *New Age*

Os perigos espirituais assinalados por todas as tradições florescem atualmente na “comunidade ayahuasqueira” e põem a riqueza desta planta, da bebida e das tradições que codificam o seu uso, em risco de ser totalmente adulterada e desvirtuada, para finalmente dar razão aos partidários da sua proibição (Molnar, 2013).

Sabe-se que as maiores armadilhas de toda a evolução espiritual residem na tentação do poder, na ganância e no abuso sexual²⁴. Exemplos abundam de todos estes abusos e transgressões relativos ao uso consumista da Ayahuasca. Basta dar uma volta na internet para ver o crescimento desses escândalos: falecimentos repentinos, suicídios, abusos sexuais, exploração económica e comercial, retenção sectária, desestabilização mental, manipulação da vontade²⁵. Sabemos que isto é somente a ponta do iceberg já que a vergonha, o medo das represálias e, por vezes, a cumplicidade, reduzem ao silêncio a maioria das vítimas. É evidente que o eco destas notícias mórbidas, que às vezes são retransmitidas pela imprensa, causa uma forte deterioração da imagem pública da Ayahuasca.

No entanto, parece-nos que o maior perigo não aflora todavia à consciência dos consumidores de Ayahuasca, apesar das tradições indígenas apresentarem uma ampla coleção de dados sobre o uso maligno da Ayahuasca e outras práticas de bruxaria. Referimo-nos aqui à ilusão espiritual e às possíveis contaminações, infestações e possessões por espíritos malignos. Tanto a ciência moderna como a modernidade em geral negam essa dimensão da realidade. As próprias Igrejas cristãs, por medo de parecerem retrógradas e antiquadas, ignoram estes casos de contaminação espiritual e por isso esqueceram como trata-los, embora tenham as ferramentas e a doutrina necessárias para isso²⁶. Então como se pode prevenir um perigo que não se conhece? As manifestações tomam nuances de perturbações mentais que a psiquiatria se encarrega de etiquetar e pôr sob camisas-de-forças químicas, ou encerrando estas pessoas para sempre num hospital psiquiátrico, sem as poder curar.

A "comunidade ayahuasqueira" coloca-se na mesma posição de negação das dimensões malignas do mundo espiritual e suas manipulações, provavelmente porque o homem ocidental moderno não poderia sair do seu obscurantismo espiritual sem ser devolvido à sua própria sombra. É muito mais fácil pensar que tudo isto é apenas um facto cultural ou um conjunto de crenças infundadas. Acreditam que eliminam o problema ao ignorá-lo. É assim que os utilizadores de Ayahuasca se convertem numa presa fácil para estes poderes ocultos (Daniélou, 2008), enquanto a nossa experiência clínica nos ensina que, pelo contrário, o uso correto da Ayahuasca (insistimos sobre

²⁴ Podemos aqui associar as famosas três concupiscências (desejo excessivo da nossa natureza decaída) nomeadas por Santo Agostinho: a *libido sentiendi* (os desejos do corpo), a *libido dominandi* (o orgulho) e a *libido sciendi* (o conhecimento).

²⁵ Estes factos tornaram-se tão frequentes e preocupantes que em vários países (Espanha, Estados Unidos, República Checa) as unidades de emergência equiparam-se para responder a estes casos, às vezes muito dramáticos.

²⁶ Refiro-me em particular à tradição exorcista relativamente negligenciada, embora hoje em dia pareça existir um interesse ressurgente neste campo, como o demonstram as teses contemporâneas sobre demonologia do Padre José María Fortea em Espanha e do Padre Jean-Baptiste Golfier em França, ou a recente reativação das Associações Internacionais de Exorcistas, assim como as formações e nomeações de especialistas neste campo.

o adjetivo “correto”), não só evita estas infestações²⁷, como também permite revelá-las e, portanto, levar as suas vítimas num processo de libertação.

Conclusões

O uso desviado da coca advertiu-nos sobre os riscos de uma profanação do uso das plantas sagradas dos povos tradicionais. Este mesmo perigo também se refere a Ayahuasca, mas apresenta-se de uma maneira diferente, mais sutil, enquanto que a ausência de riscos físicos significativos oculta um maior perigo psíquico e especialmente espiritual. A aparente inocuidade da Ayahuasca, por não apresentar dependência, e o seu aparente desafio ao sistema consumista tecnocrático ocidental e à herança judeu-cristã, encontrou no pensamento *New Age* um terreno fértil para a propagação. Estas condições fomentaram uma expansão exponencial, ingénua, dessacralizada e não ritualizada do uso da Ayahuasca no Ocidente. Esta ingenuidade começa a ser questionada com o aparecimento de casos mais e mais frequentes de abusos, acidentes e perturbações psíquicas relacionados com um uso incorreto da Ayahuasca. No entanto, os riscos de infestação espiritual são ainda largamente ignorados e mantidos em silêncio. Pressupõem superar o tabu do "espiritual" ou do "religioso" que rege o pensamento reducionista do Ocidente (psicologismo, cientificismo) e voltar às raízes e aos ensinamentos deixados pelas grandes correntes espirituais da humanidade, incluindo, especialmente no que toca aos ocidentais, a recuperação da filiação cristã original. O conhecimento ancestral do qual provem o uso da Ayahuasca, paradoxalmente, coincide nas suas regras e requisitos com as tradições ocidentais que, precisamente, os membros da nebulosa *New Age* tendem a rejeitar.

No centro desta contradição estão a questão do Mal e da sua cura e a questão intransponível da existência e operabilidade do "mundo intermédio" dos espíritos, que desperta a alergia dos ocidentais em relação a uma pergunta que eles acreditam, com arrogância e por ignorância, terem superado graças ao racionalismo ateu que invade todo o mundo moderno.

As tradições não são estáticas, mas sim possuem a capacidade de incorporar progressivamente elementos de outras tradições. Deste modo, as tradições autóctones, como a amazónica, podem ser enriquecidas pela tradição ocidental racionalista (greco-latina), do mesmo modo que esta última ganharia em deixar-se fecundar pelos conhecimentos de outras sociedades tradicionais.

Uma forma de avançar nesta direção é redescobrir o aspeto multicultural do cristianismo desde as suas origens, como o demonstram os testemunhos das diversas Igrejas Orientais que o Ocidente esqueceu e relegou para a margem. Pode-se constatar, então, que as antigas tradições greco-latinas, que são bastante pobres desde o ponto de vista espiritual, não são as únicas sabedorias que a experiência cristã soube assumir e transmitir. O esforço ancestral do homem para afastar o Mal e purificar-se a nível corporal, psicológico e espiritual pode enriquecer o homem ocidental de hoje, sempre e quando este aceite as suas próprias raízes e filiação, e portanto ponha em questão o racionalismo dominante, que provem principalmente de um velho sentimento de anticristianismo. Pelo contrário, está condenado a criar uma espécie de quimera e perder-se nas confusões de uma *New Age* transgressora, incoerente e irresponsável. Um enorme trabalho de reflexão epistemológica, filosófica, teológica e clínica está pendente, e é essencial em particular no que toca a vulnerabilidade do ingénuo ocidental em relação aos perigos do mundo espiritual intermédio, onde põe em risco, inconscientemente, a sua saúde mental e a sua salvação espiritual.

²⁷ As fontes de infestação incluem espiritualismo, magia, práticas ocultas, uso inadequado da sexualidade, heranças transgeracionais, consumo de drogas, entre outros.

Referências bibliográficas

- Brierley, D. and Davidson, C. (2012). Developments in harmine pharmacology implications for ayahuasca use and drug-dependence treatment. *Progress in Neuro-Psychopharmacology & Biological Psychiatry*, 39 (2), 263-272.
- Daniélou, A. (2008). Las divinidades alucinógenas. *Revista Takiwasi*, 1. Recuperado de <https://takiwasi.wordpress.com/2008/03/08/13-alain-danielou-las-divinidadesalucinogenas1/>
- Frecska, E., Bokor, P. and Winkelman, M. (2016). The Therapeutic Potentials of Ayahuasca: Possible Effects against Various Diseases of Civilization. *Frontiers in Pharmacology*, 7, 35.
- Giove, R. (2002). La liana de los muertos al rescate de la vida, medicina tradicional amazónica en el tratamiento de las toxicomanías. Tarapoto, Perú: Takiwasi ediciones.
- Guimarães dos Santos, R. (2013). Safety and Side Effects of Ayahuasca in Humans— An Overview Focusing on Developmental Toxicology. *Journal of Psychoactive Drugs*, 45 (1), 68-78.
- Gumucio, J. (2008). La leyenda de la coca. La historia secreta de la hoja de coca y la cocaína. Caracas, Venezuela: Editorial El Perro y La Rana.
- Labate, B. and Cavnar, C. (2014). *Ayahuasca Shamanism in the Amazon and Beyond*. Oxford, England: Oxford University Press.
- Mabit, J. (1999). Ir y volver: el ritual como puerta entre los mundos, ejemplos en el shamanismo amazónico. *Amazonía Peruana*, XIII (26), 143-155.
- Mabit, J. (2007). Ayahuasca in the treatment of addictions. En Winkelman, M.J. and Roberts, T. (Ed.), *Hallucinogens and Health: New Evidence for Psychedelic Substances as Treatment*. California, USA: Praeger Publishers.
- Mabit, J. (2016). Le sorcier, le fou et la grâce: les archétypes sont-ils des esprits désacralisés ? Réflexion à partir du chamanisme amazonien. Recuperado de http://www.takiwasi.com/docs/arti_fra/Le_sorcier_le%20fou_et_la_grace_article_complet.pdf
- Morin, E. (2005). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona, España: Gedisa.
- Molnar, E. (2013). The responsible use of entheogens in the context of bioregionalism. *European Journal of Ecopsychology*, 4, 78-89.
- Spangler, D. (1984). *The Rebirth of the Sacred*. London, England: Gateway Books.
- Sotillos, S. (2013). *Psychology and the Perennial Philosophy: Studies in Comparative Religion*. Indiana, USA: World Wisdom.
- Toolan, D. (1987). *Facing West from California's Shores: Jesuit's Journey into New Age Consciousness*. New York, USA: Crossroad Pub Co.
- Verlinde, J.-M. (2014). *Les impostures antichrétiennes*. Paris, France: Presses Renaissance.